



SEÇÃO TEMÁTICA



ELU, ILE, ILU E EL

Uma análise da linguagem não binária na série *Sex Education*

Letícia Leidens Kunzler, *Universidade do Vale do Taquari - Univates*

Kári Lúcia Forneck, *Universidade do Vale do Taquari - Univates*

Resumo. A temática da representatividade da comunidade LGBTQIAPN+ é pauta de diferentes contextos de debate na contemporaneidade. Inclusive em relação a expressar diferentes identidades por meio da língua, questionando as construções binárias presentes no sistema. Movimentos de inserção de marcas não binárias na língua têm tomado força, em especial nas redes sociais. Levando em consideração o alcance e a influência de obras audiovisuais, este artigo apresenta um estudo para investigar como a linguagem não binária é utilizada na terceira temporada da série da Netflix, *Sex Education*, em três formatos, no idioma original (inglês) em contraste com a versão legendada e a dublada em português. Para tanto, foi realizado um estudo teórico e posteriormente, uma análise comparativa das ocorrências. Observou-se que, mesmo em uma plataforma que se propõe a tratar de temas considerados polêmicos, a linguagem não binária ainda é um tema desafiador. Reforça-se, portanto, a importância de pesquisas sobre o sistema linguístico e sua relação com a linguagem não binária. Discutir esse tema é um dos passos para melhor compreendê-lo em uma tentativa de inclusão de todas as identidades, assim como ter o direito de escolher como expressar sua identidade por meio da língua, é um direito que deve ser defendido.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem não binária. Linguagem Inclusiva. Gênero neutro.



Considerações iniciais

No Brasil, a discussão sobre a linguagem neutra de gênero é polêmica e muitas vezes os argumentos que a rodeiam são infundados e baseados em preconceitos. Surgiram, por exemplo, projetos de leis que buscam “preservar” a língua portuguesa, proibindo o uso de qualquer forma de neutralizar o gênero na língua. Até o início de 2021, havia seis projetos com esse teor só na esfera federal (FREITAG, 2022). Em maio de 2022, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre acatou o projeto de lei que veta o uso de qualquer forma inovadora (-x, -@, ou -e) nas escolas e em qualquer comunicação emitida pelo setor público da prefeitura da capital (GZH, 2022).

O debate sobre a proposta da linguagem não binária (LNB) tem relevância na contemporaneidade, uma vez que contempla pautas sociais e identitárias, tendo surgido como uma forma de inclusão de grupos que até pouco tempo não tinham voz e hoje buscam ter suas identidades reconhecidas por meio da língua. Ter o direito de escolher como ser chamado, ou como se referir a alguém, é ter o direito de existir plenamente. Pesa a favor da pauta a ideia de que a língua é viva, modificando-se e evoluindo juntamente com a sociedade. Ir contra essas mudanças, proibindo-as, é um trabalho improdutivo. Por outro lado, essas transformações levam tempo e, assim como é um esforço inútil proibir a LNB, também não é possível impor seu uso.

Considerando o impacto e a influência das produções literárias e cinematográficas no fazer cotidiano das pessoas, é possível reconhecer o importante papel das mídias na representatividade dos mais diversos grupos e identidades. Esse é o caso do objeto de estudo deste artigo: a série *Sex Education*, disponível na plataforma Netflix. A comédia dramática britânica estreou em 2019, foi criada por Laurie Nunn, produzida por Jamie Campbell e Ben Taylor, e estrelada por Asa Butterfield, Gillian Anderson, Ncuti Gatwa e Emma Mackey, que repetem seus papéis por três temporadas. Cada temporada é composta por oito episódios, de aproximadamente 50 minutos de duração. Desde o primeiro episódio, a série conta com uma diversidade de personagens com personalidades, sexualidades, aparências e gêneros diferentes.

A produção narra a história dos estudantes da escola Moordale, que estão lidando com dilemas sobre sua identidade e sua vida sexual. Otis Milburn (Asa Butterfield) é um adolescente desajeitado socialmente, que vive com a mãe, Jean (Gillian Anderson), uma terapeuta sexual.



Apesar de ainda não ter perdido a virgindade, Otis é uma espécie de especialista em sexo. Quando a escola começa a fervilhar com dúvidas e emoções à flor da pele, Otis e Maeve (Emma Mackey), uma colega rebelde, resolvem montar uma clínica de saúde sexual para ajudar os outros estudantes.

Na terceira temporada da série (2021), aparecem duas novas personagens que se identificam como não binárias (NB), Cal (Dua Saleh) e Layla (Robyn Holdaway), e, com a presença delas, a série se vale da oportunidade para utilizar a LNB em alguns dos diálogos. Cal e Layla expressam suas identidades de formas diferentes. Enquanto Cal é uma personagem ousada, que tenta se manter autêntica ao seu estilo, sempre se manifestando contra as adversidades que acontecem no percurso da história, Layla ainda não se sente confortável para se manifestar publicamente em defesa da sua identidade.

Este artigo se propõe ao exercício de analisar a terceira temporada da série *Sex Education*, com o objetivo de investigar como a linguagem não binária é usada no inglês e traduzida para o português. Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico e exploratório, registrando e analisando as ocorrências de uso da LNB tanto em português quanto em inglês nos episódios que compõem o escopo de análise da pesquisa.

Relações entre língua, sociedade e gênero

Por não ser uma pauta somente linguística, mas também social e identitária, a linguagem não binária (LNB) não pode ser vista unicamente como uma questão de gramática. A língua carrega uma complexidade enorme e requer estudos de mais de um ponto de vista. Conforme Antunes (2007, p. 22), a língua não pode ser resumida como um agrupamento de palavras que formam frases e podem ser classificadas em classes gramaticais, ou muito menos pode ser resumida em noções simplistas de certo e errado. A autora ainda afirma que “[a língua] É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade” (ANTUNES, 2007, p. 23).

Sob esse mesmo ângulo, Bagno (2003) argumenta que a língua compõe a identidade dos seres humanos, e por mais que, algumas vezes, possa ser vista pela sociedade como algo exterior ao indivíduo, algo distante, “nós somos a língua que falamos” (BAGNO, 2003, p. 17). Por



isso, é compreensível que surjam movimentos inovadores na língua, para incluir grupos antes marginalizados. Porém, também surgem movimentos de preservação da língua portuguesa, uma vez que, sob essa perspectiva, estariam preservando a cultura e a identidade dos sujeitos. Entretanto, muitas vezes a ideia de língua defendida por alguns é fundada em mitos e concepções distantes dos estudos científicos (ANTUNES, 2007, p. 19). Para ilustrar uma dessas concepções, está a escolha de Dilma Rousseff quanto ao uso de presidenta ao se referir a ela. Apesar de não ser um neologismo, afinal, presidenta já constava no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) antes da posse de Dilma em 2011, muitas pessoas acreditavam que essa forma não existia e, portanto, não seguia a norma padrão da língua. Alguns veículos de comunicação ignoravam a escolha da presidenta e a chamavam de “a presidente” (FREITAG, 2022, p. 64).

De acordo com Freitag (2022), “não existe neutralidade de gênero *quando em referência a pessoas*. As pessoas têm identidade, expressão e orientação quanto ao seu gênero, seja em perspectiva binária ou não binária, e são categorizadas por isso” (FREITAG, 2022, p. 58, grifo da autora). E, diferentemente de outras temáticas da língua portuguesa como a variação na concordância de número e de pessoa, que são facilmente aceitas por muitos falantes¹, a temática da variação de gênero envolve lutas de grupos sociais, como o movimento feminista e o movimento LGBTQIAPN+ (FREITAG, 2022).

Segundo Freitag (2022, p. 62), “o movimento feminista [...] sempre buscou a igualdade na representação de gênero em diferentes esferas, incluindo a língua”. Uma das conquistas foi a aprovação, em 2005, do projeto de lei “que determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear a profissão ou o grau de diplomas” (FREITAG, 2022, p. 63). Até aquele ano, independentemente do gênero da pessoa, os diplomas eram emitidos no masculino.

A importância de uma linguagem mais inclusiva é ilustrada por muitas narrativas da comunidade transgênero. De acordo com Hord (2016), um dos aspectos mais importantes do reconhecimento e da aceitação dessas identidades é por meio da língua. O autor constata que “se o *misgendering*² é um erro honesto ou se pretende prejudicar um

¹ Atualmente, por exemplo, dizer “tu fez” ou “comprei três pão na padaria” parece assumir melhor prestígio que o uso de LBN, como em “alune dedacade”.

² *Misgendering*: referir-se a alguém (especialmente a uma pessoa transgênero) usando uma palavra, especialmente um pronome, que não reflete corretamente o gênero com o qual ela se identifica.



indivíduo ou expressar uma visão política oposta, ele pode causar disforia de gênero e desconforto para muitos indivíduos transgêneros” (HORD, 2016, p. 5, tradução nossa³).

Além disso, para Butler (2016), o gênero é performativo, como uma espécie de atividade ou ação repetida que não está atrelada aos limites binários, a autora afirma que “se o gênero não está amarrado ao sexo, causal ou expressivamente, então ele é um tipo de ação que pode potencialmente se proliferar além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo” (BUTLER, 2016, p. 195).

Os preceitos de como homens e mulheres devem agir, ou performar seus gêneros, são impostos pela sociedade, e essa ocorrência é identificada como heteronormatividade (BORBA, 2015, p. 97). Para Butler (2016), “[...] se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (BUTLER, 2016, p. 21). Assim, os gêneros não binários,

[...] além de transgredirem à imposição social dada no nascimento, ultrapassam os limites dos polos e se fixam ou fluem em diversos pontos da linha que os liga, ou mesmo se distanciam da mesma. Ou seja, indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações (REIS; PINHO, 2016, p. 14).

Em termos de língua, há projetos de lei contra a neutralização do gênero. De acordo com Freitag (2022), “na esfera federal, no início de 2021, havia seis projetos de lei com matéria relacionada aos usos de ‘linguagem neutra de gênero’” (FREITAG, 2022, p. 69). A maioria desses projetos tem argumentos similares, como o projeto 5.248/2020, que “estabelece o direito dos estudantes de todo o Brasil ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com a norma culta [...]” (FREITAG, 2022, p. 69). A noção de que existe uma norma culta, que é a ideal e deve ser seguida fielmente, implica que quaisquer formas que fujam do padrão seriam incultas. Bagno (2003) argumenta que

[...] existe uma diferença muito grande entre o que as pessoas em geral chamam de norma culta, inspiradas na longa tradição gramatical normativo-prescritiva, e o que os pesquisadores profissionais chamam de norma culta, um termo técnico para designar formas linguísticas que existem na realidade social. Essa

³ Texto original em inglês: “Whether misgendering is an honest mistake or is intended to harm an individual or express an opposing political view, it can cause gender dysphoria and discomfort for many transgender individuals” (HORD, 2016, p. 5).



diferença se reflete também na postura que a pessoa assume diante dos fatos linguísticos (BAGNO, 2003, p. 52).

A língua é viva e se adapta às mudanças e identidades de seus falantes; além disso, “a linguagem deve ser considerada como um ato de identidade” (BORBA, 2015, p. 102). Para Freitag (2022), é importante que a liberdade de expressão seja respeitada, a autora diz: “defendo o direito de *ter direito* a escolher pronomes e flexão de meu gênero” (FREITAG, 2022, p. 71, grifo da autora).

A fim de demonstrar a importância e a complexidade das relações entre língua, sociedade e gênero, este estudo buscou versar sobre o tema trazendo diversos autores que abrem o debate sobre a LNB no ambiente acadêmico. Na próxima subseção, estão descritas as concepções que permeiam a linguagem não binária, bem como as propostas de uso que circulam pelas redes.

Linguagem não binária, inclusiva ou neutra de gênero

A linguagem não binária, também chamada de linguagem inclusiva ou de linguagem neutra de gênero, cria uma forma alternativa em uma tentativa de incluir não só pessoas que se identificam com o sexo masculino e feminino, mas também pessoas não binárias. Essa proposta utiliza novos morfemas, pronomes e determinantes para alcançar seu objetivo, criando um terceiro gênero gramatical (CAVALCANTE, 2022, p. 76).

A luta por uma linguagem mais inclusiva é um movimento que existe há séculos, porém, ganhou força nos últimos anos, à medida que diferentes grupos foram conquistando mais espaço na sociedade e ampliando sua voz. Assim, houve “a inclusão de novas marcas no final de nomes e adjetivos, como x e @; a ampliação da função de marcas já existentes, como e; alterações na base ou raiz de pronomes e artigos” (SCHWINDT, 2020, p. 2).

Conforme mostra o estudo de Schwindt (2020, p. 5), em uma busca pelas formas “amigo”, “amiga”, “amigue” e “amigx” no Twitter, plataforma em que a LNB é muito utilizada, o autor observou que o uso da marca -x caiu em oposição à -e, que é a proposta mais aceita. De acordo com Schwindt (2020), o uso de -x e -@ se limita à escrita, pois essas são formas impronunciáveis; além disso, dificultam o funcionamento de softwares de leitura automática, utilizados por



deficientes visuais. Diferentemente do uso de -e, que é pronunciável e não exclui outros grupos.

A proposta mais aceita de uma alternativa para uma linguagem mais inclusiva no português brasileiro, no que se refere a substantivos e adjetivos, é detalhada por Mokwa (2019) e aparece em outros manuais publicados na internet, como Almeida (2020), que ainda acrescenta outras formas não expostas pela autora. Essas novas formas estão sumarizadas na tabela abaixo.

Tabela 1 - Nova forma de substantivos e adjetivos na linguagem não binária

Terminação no português brasileiro	Nova forma	Exemplo
-o e -a	-e	menine, pronte
-go e -ga	-gue	amigue, psicólogoue
-co e -ca	-que	técniue, louque
-r e -ra	-re	professore, educadore
-res e -ras	-ries	professories, educadories
-ão e -ã	-ane	irmane, anfitriane
-ês e -esa	-ese ou -esu	camponese, portuguesu
-eu e -eia	-eie	plebeie, europeie
-u e -ua	-ue	nue

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Mokwa (2019) e Almeida (2020).

Ainda, as alternativas de substituições para os artigos, que aparecem nos manuais e estão em uso na internet, são *ê(s)* ou *le(s)*. Para o sistema pronominal, há mais de uma proposta circulando entre os falantes; essas propostas são denominadas de sistemas. Segundo Almeida (2020), o sistema *elu* é o mais usado e se assemelha aos pronomes binários ele/ela. Nessa forma, os morfemas -o e -a são substituídos por -u. Já o sistema *ile*, surge “com o objetivo de distanciar-se ainda mais dos pronomes binários” (ALMEIDA, 2020, p. 9). O sistema *ilu*, por sua vez, foi inspirado no pronome nominativo neutro do latim *illud* (LEWASCHIW; GAIGIA, 2018). O último sistema exemplificado neste trabalho é o sistema *el*, que em sua forma suprime a



vogal marcadora de gênero (ALMEIDA, 2020). Os quatro sistemas estão sumarizados na tabela abaixo.

Tabela 2 - Novas formas para pronomes na linguagem não binária

Português brasileiro	Sistema ELU	Sistema ILE	Sistema ILU	Sistema EL
Ele(s)/ela(s)	Elu(s)	Ile(s)	Ilu(s)	El(s)
Dele(s)/dela(s)	Delu(s)	Dile(s)	Dilu(s)	Del(s)
Aquele(s)/aquela(s)	Aquelu(s)	Aquile(s)	Aquilu(s)	Aquel(s)
Nele(s)/Nela(s)	Nelu(s)	Nile(s)	Nilu(s)	Nel(s)

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Mokwa (2019) e Almeida (2020).

Vale ressaltar que esses manuais muitas vezes assumem um tom prescritivo e “não levam em consideração as regras ativas do sistema, mas sim regras com base na escrita: cria-se uma regra que funciona somente para a escrita – mas a escrita é uma codificação da língua, não é a língua” (CAVALCANTE, 2022, p. 82). Portanto, esse material está disponível para trazer esclarecimentos sobre essas novas formas e apresentar exemplos práticos de uso.

O gênero gramatical mantém uma oposição entre as formas masculina e feminina. A desinência -a marca o feminino, enquanto o masculino é não marcado, e -o é considerado como vogal temática. Sendo assim, a desinência de gênero masculino é considerada como o morfema zero e o masculino é usado como gênero genérico (CAMARA JR., 2002; FREITAG, 2022). Contudo, Freitag (2022, p. 61) afirma que o masculino como forma neutra ou não marcada não é um conhecimento intuitivo para não linguistas, o que, segundo a autora, induz o falante a aplicar e seguir um padrão de gênero binário quanto aos nomes, como se em menino, -o fosse desinência de gênero e não o morfema zero.

A autora ainda diz que

Com base na frequência, a regra intuitiva de dominância levaria à aplicação de gênero feminino; a prevalência do masculino é assegurada pela perpetuação da explicação do morfema zero como forma não marcada, associada ao gênero genérico (FREITAG, 2022, p. 61).

Esses mesmos debates vêm ocorrendo em outros países, onde a temática da inclusão de pessoas não binárias por meio da língua é um assunto relevante e recorrente. Na Suécia, por exemplo, o pronome hen foi oficializado em 2015, ao ser adicionado no Glossário da Academia



Sueca⁴ como pronome de 3^a pessoa, junto aos pronomes de gênero masculino *han* e de gênero feminino *hon* (CARVALHO, 2022, p. 133).

A língua inglesa, por sua vez, faz parte das línguas que possuem um gênero natural, ou seja, a maioria dos nomes (substantivos e adjetivos) não possuem marcação de gênero binário (PREWITT-FREILINO; CASWELL; LAAKSO, 2011, p. 2). Ainda em relação à língua inglesa, McConnell-Ginet (2014, p. 4) afirma que somente os pronomes distinguem e demonstram concordância de gênero, e a escolha do pronome é determinada pelo sexo que o falante atribui ao indivíduo ao qual se refere, como no uso das palavras *girl*, *daughter*, ou *boy*, *son*, que indicam o gênero semanticamente. Segundo a autora, além de incluir noções de sexualidade, “a palavra sexo inclui a divisão dos seres humanos e muitos animais nas classes feminina e masculina, com base no potencial reprodutivo” (MCCONNELL-GINET, 2014, p. 3, tradução nossa⁵). Já o gênero não se restringe à noção binária de masculino e feminino, pois está ligado a ideologias, identidades e práticas sociais (MCCONNELL-GINET, 2014, p. 3). Entretanto, nas aulas de inglês, para estudantes nativos ou não, ensina-se que o uso de *he* é para indicar uma pessoa de sexo masculino, *she* para indicar uma pessoa de sexo feminino e *they* para indicar um grupo de pessoas de qualquer sexo. Contudo, há casos sem respostas, como no uso de epiceno em que o sexo do referente é desconhecido (ex.: *Lee’s new tenant*), ou no uso de um singular genérico (ex.: *an intelligent child*) (MCCONNELL-GINET, 2014, p. 21). Para isso, *he* seria o gênero genérico, por não ser marcado, porém, segundo McConnell-Ginet (2014, p. 22), essa visão não pode ser mantida na prática quando o falante se refere a uma pessoa específica utilizando “*someone*”⁶, por exemplo.

Para McConnell-Ginet (2014, p. 24-25), as opções de gênero neutro são atrativas principalmente para quem deseja desafiar a forma de gêneros binários. Nos últimos anos, algumas formas se tornaram populares entre os falantes, principalmente na internet, como é o caso de *they* singular, devido a sua semelhança com o pronome de 3^a pessoa do plural *they*, já existente na língua inglesa, utilizado para designar pessoas e coisas.

⁴ Senska Akademiens Ordlista - SAOL

⁵ Texto original em inglês: “The word sex includes the division of humans and many other animals into female and male classes, based on reproductive potential” (MCCONNELL-GINET, 2014, p. 3).

⁶ O uso de *he* como gênero genérico não pode ser mantido em construções como “Someone called but *he* didn’t leave their name.”, pois essa forma indicaria que quem ligou foi uma pessoa de sexo masculino. Para McConnell-Ginet (2014, p. 22), *they* soa melhor neste caso.



Há outras formas pronominais não binárias em inglês, que também se tornaram populares, como *ze* para os pronomes pessoais *she/he*, *zir* ou *hir* para os pronomes objetivos⁷ *her/him*, *hir* ou *zir* para os pronomes possessivos *hers/his*, e *hirsself* ou *zirsself* para os pronomes reflexivos *herself/himself*. A similaridade desses pronomes com as formas já existentes na língua inglesa, os tornam mais fáceis de lembrar e, portanto, de utilizar (MCCONNELL-GINET, 2014, p. 25).

Muitas pessoas não binárias preferem o uso de *they* no singular como pronome de referência ao invés das alternativas inovadoras, uma vez que essa forma já faz parte do sistema gramatical do inglês (BJORKMAN, 2017, p. 2). O uso de *they* no singular tem antecedentes já em Shakespeare⁸, mas decaiu na escrita formal, desde que os gramáticos da era Vitoriana impuseram *he* como gênero genérico (BJORKMAN, 2017; BERGER, 2019).

Hord (2016) realizou um estudo para descobrir quais pronomes e terminologias estão sendo usados por pessoas que se identificam como transgêneras ou não binárias e que falam inglês, francês, sueco e/ou alemão. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário online, composto por dez perguntas dissertativas e uma de seleção para marcar o idioma da pessoa. Os resultados apontam que entre os entrevistados 37,30% usam somente pronomes de gênero neutro e 29% usam uma mistura de pronomes não binários e binários, totalizando aproximadamente 66% de participantes da pesquisa que utilizam alguma forma de pronome de gênero neutro. Ainda, o autor observa que 34% dos falantes usam o *they* singular, constituindo o maior grupo entre todos entrevistados (HORD, 2016, p. 16).

Para alguns desses neologismos neutros de gênero se tornarem realmente generalizados, existem fatores difíceis de prever. A história do inglês mostra que os pronomes pessoais podem mudar, como já aconteceu com as formas no singular *thee/thou* serem substituídas por *you* para usos no singular (MCCONNELL-GINET, 2014, p. 25).

Esse mesmo argumento se aplica à língua portuguesa. O pronome de tratamento *você* (antes *vossa mercê*) passou a ser incorporado como pronome pessoal em lugar do pronome *tu*. Ou seja, os pontos apresentados mostram que “do ponto de vista gramatical, [...] a forma *-e*, pelo menos, não apresenta problemas que infrinjam regras do sistema

⁷ Em português, seriam os pronomes pessoais oblíquos.

⁸ “There’s not a man I meet but doth salute me / As if I were their well-acquainted friend” (Shakespeare, A Comedy of Errors, 1623).



do português” (CAVALCANTE, 2022, p. 93). A autora ainda reafirma que “reconhecer o uso da linguagem neutra como um dialeto válido é reconhecer a identidade dos indivíduos que se reconhecem como não binários” (CAVALCANTE, 2022, p. 93).

Levando em conta as concepções de língua, sua interação com a sociedade e a linguagem não binária, analisou-se o uso da LNB na terceira temporada da série *Sex Education*, bem como sua relevância no contexto de representatividade de pessoas não binárias na mídia.

Procedimentos metodológicos

Por se tratar de uma análise que busca descrever e compreender uma temática presente em material já publicado, este estudo se aproxima dos métodos de pesquisa bibliográfica e exploratória, com uma abordagem qualitativa.

Apesar de todas as temporadas da série abordarem assuntos sobre diferentes identidades de forma verossímil e representativa, a opção de analisar somente a terceira temporada se deu pois é somente ali que a temática não binária é apresentada, mostrando falas que utilizam a LNB.

A fim de alcançar os objetivos propostos, na primeira etapa, a pré-análise, a série *Sex Education* foi escolhida como corpus de análise por ser uma produção com grande visibilidade e aceitação da crítica e também por tratar de temáticas LGBTQIAPN+, como o gênero não binário, a partir da terceira temporada. Em seguida, foram analisados os textos teóricos que descrevem a linguagem não binária e a relação entre língua e sociedade. Na segunda etapa, a exploração do material se deu levando em conta a terceira temporada da série *Sex Education*, observando mais atentamente as cenas em que as personagens não binárias (doravante, personagens NB) aparecem ou são mencionadas. Inicialmente, foi feito um levantamento das ocorrências da LNB, tanto enunciadas pelas personagens que se identificam como NB quanto por outras personagens que se referem a elas.

A partir dessa verificação, foram analisados os momentos em que a LNB é usada no idioma original (inglês), nas legendas e na dublagem em português. A organização das anotações se deu a cada episódio em que há ocorrência da LNB.

Por fim, na etapa de interpretação dos dados, foi analisado de que forma a LNB aparece no inglês em contraste com as legendas e a



dublagem em português, e como este uso e as relações sociais das personagens influenciam na sua comunicação e expressão de suas identidades. Para isso, o conceito de tradução será considerado a partir de Antunes (1991), que diz que “embora a tradução possa adquirir uma certa independência em relação ao original ao ser considerada como criação, é preciso considerar que esse original existe e é sempre um ponto de partida que deve ser respeitado” (ANTUNES, 1991, p. 8).

O gênero não binário e a sua representação em *Sex Education*

Sex Education é uma série que se propõe a abordar temáticas consideradas como tabus ou polêmicas, como questões raciais, de identidade e temas LGBTQIAPN+. Em sua terceira temporada, uma nova personagem secundária é introduzida, Cal, que se identifica como uma pessoa não binária. E, apesar de aparecer em todos os episódios, suas cenas são curtas.

No primeiro episódio, Cal é introduzido⁹ contracenando rapidamente com Jackson, e em cenas curtas é possível observar que sua preferência de estilo são roupas largas e andróginas, que não marcam a silhueta. Ao final do episódio, há a primeira adversidade encarada por Cal como pessoa não binária, que é representada a partir do desconforto ao trocar de roupas junto a outras pessoas. Cal evita o vestiário e vai até o antigo banheiro abandonado da escola para se trocar em privacidade para a aula de educação física. De acordo com Reis e Pinho (2016), o gênero é “uma categoria de leitura da sociedade”, com aspectos visuais perceptíveis baseados em um sistema binário, e que se manifestam quando as características de corpos femininos e masculinos passam a determinar o que é ser homem ou mulher. As escolhas de vestimentas de Cal são sua forma de não demonstrar e reiterar essa leitura da sociedade marcada nos gêneros binários.

No segundo episódio, Cal se apresenta oficialmente, para os colegas e para os espectadores, como uma pessoa não binária, informando que seus pronomes são *they/them*, ou na tradução do português, *ile/dile*. Fica explícito que deseja performar sua identidade de gênero, fugindo da heteronormatividade descrita por Butler (2016) e Borba (2015), desejo esse que não é compreendido pela diretora da escola, ao longo de vários episódios.

⁹ Ao referenciar ou mencionar as personagens não binárias, a LNB será empregada.



Em um deles, a diretora da escola instrui que Cal se encaminhe para a fila das meninas, uma vez que a aula será sobre anatomia feminina, reduzindo a discussão ao sexo biológico e mais uma vez tentando evitar uma discussão direta sobre a identidade de gênero dos estudantes. Dividir os alunos em filas de meninas e meninos é uma prática comum nas escolas e fortalece noções binárias dos papéis de gênero (REIS; PINHO, 2016, p. 18). Ainda, nessa aula de educação sexual, as falas são antiquadas, desatualizadas e de cunho conservador. Para as meninas, o discurso realizado por uma convidada da escola demoniza o sexo e aterroriza as alunas. Já os meninos devem assistir a um vídeo desatualizado e antiquado sobre doenças sexualmente transmissíveis, que, além disso, é de cunho homofóbico. Há protestos por parte dos estudantes quanto a essa prática pedagógica, porém a instrução para os professores que estão mediando a aula é de não responder a perguntas e instituir o silêncio.

No quinto episódio, os alunos vão para uma viagem de estudos. Cal e Jackson conversam sobre a imposição dos uniformes e sobre a recusa de Hope de ouvir as vozes e reivindicações dos estudantes. Jackson acredita que Cal deveria tentar conversar novamente com a diretora. Mais tarde, no sexto episódio, Cal encontra Hope no corredor da escola e pergunta se podem conversar sobre a possibilidade de ter um vestiário de gênero neutro no campus, ao que Hope responde que quando ele vier com o uniforme correto eles podem falar sobre qualquer coisa. Cal pergunta, então, como a diretora definiria um uniforme correto, e Hope chama Layla para mostrar um exemplo “de como expressar sua identidade e ainda seguir as regras”. Cal questiona se Layla é um bom exemplo de pessoa não binária e Cal um mau exemplo, por defender publicamente suas crenças. Novamente, Hope foge do assunto principal, focando somente em uma forma de repressão que é o uso do uniforme.

No sétimo episódio, é dia de visita da comunidade escolar e da imprensa no campus de Moordale, e, como forma de protesto contra todas as imposições da escola, os estudantes gravam um vídeo declarando seu orgulho em fazer parte da “Escola do Sexo”. Hope tranca Cal em uma sala, pois a diretora vê ele como uma ameaça à reputação de Moordale, uma vez que Cal se recusa a mudar seu comportamento, vestindo o uniforme feminino, que na visão da diretora seria o correto. Nesse episódio é possível observar a não conformação dos estudantes quanto à imposição de um corpo escolarizado, composto de características padronizadas.



No oitavo e último episódio, Layla procura Cal para se desculpar por não ter se pronunciado contra as imposições da direção e para pedir algumas dicas, sobre o uso do *binder*¹⁰ e Cal diz que está tudo bem. Muitas vezes há expectativas de um comportamento militante e educador de pessoas LGBTQIAPN+ quanto às suas identidades, mas as duas personagens não binárias mostram que eles mesmos ainda estão se conhecendo, estão lutando suas próprias batalhas e não são obrigados a se expor publicamente e assumir uma postura combativa o tempo todo. Essa também é uma pauta verossímil e relevante que a série traz sobre a comunidade LGBTQIAPN+.

Conforme Reis e Pinho (2016), “o processo de construção de identidades está intimamente ligado ao processo de socialização dos indivíduos” (REIS; PINHO, 2016, p. 16). Essa socialização se dá nos diferentes espaços que o sujeito habita e o ambiente escolar, por meio de suas práticas variadas, possui grande influência nessa construção de identidade. As práticas reguladoras que Moordale institui, assim como muitas escolas também o fazem, reforçam as noções de gênero, que também são aprendidas no ambiente escolar. Essas práticas configuram um ambiente em que os corpos escolarizados são adestrados a partir de comportamentos que reforçam o padrão heteronormativo e reprimem expressões de identidades fora dessa norma (REIS; PINHO, 2016). Os estudantes de Moordale, apesar de estarem se descobrindo, possuem um autoconhecimento suficiente para se sentir seguros de suas identidades, e não permitem que uma força exterior reprima suas formas de expressão.

Ocorrências da linguagem não binária em *Sex Education*

Por trazer personagens não binárias na sua terceira temporada, a série *Sex Education* apresenta ocorrências da LNB nos três formatos escolhidos para análise, no idioma original, inglês, nas legendas e na dublagem em português. Há ocorrências da LNB em quatro episódios da terceira temporada: 2, 4, 5 e 8; nos demais episódios, entretanto, a LNB não aparece em nenhum dos três formatos, mesmo havendo uma aparição breve das personagens não binárias em todos episódios.

A primeira ocorrência da LNB na série se dá no segundo episódio da temporada, quando Cal está se apresentando para os colegas, conforme pode ser observado no Quadro 1.

¹⁰ Top ou colete que comprime os seios de forma segura.



Quadro 1 - Episódio 2 da 3ª temporada de *Sex Education*

Formato	Tempo de início da cena	Contexto da cena	Personagem enunciadora	Fala da personagem	Fala que se refere à personagem NB
Idioma original (Inglês)	18:30	Jackson e Vivienne estão limpando uma parede pichada da escola. Eles estão debatendo se esse grafite/arte, composto/a por imagens de pênis e vaginas, é vulgar ou não, quando Cal chega para contribuir com a discussão.	Jackson	-	I know her. Well, I mean, she bumped into me the other day.
Legendas (Português)				-	Já conheço ela. Quer dizer, nos esbarramos outro dia.
Dublagem (Português)				-	Eu conheço ela. Quer dizer, a gente se esbarrou outro dia.
Idioma original (Inglês)			Cal	My pronouns are they/them, but no worries. I'm Cal.	-
Legendas (Português)				Meus pronomes são "ile/dile", mas de boa. Meu nome é Cal.	-
Dublagem (Português)				Meus pronomes são ile/dile, mas tá de boa. Sou Cal.	-

Fonte: As autoras, com base na transcrição da série *Sex Education* (2021), da Netflix.

Na cena, Cal encontra Jackson e Vivienne, e Jackson diz já conhecer Cal, referindo-se a ile, como *ela*. É possível observar que é uma inadequação não intencional, ocasionado pelo fato do rapaz não conhecer Cal. A inadequação é corrigida por Cal, que aproveita a oportunidade para indicar quais são os seus pronomes. A escolha dos pronomes no áudio original foi por *they/them* singular, enquanto as legendas e a dublagem em português optaram por utilizar o sistema pronominal ile/dile. Os dois formatos no português não apresentam dificuldades de manterem-se adequados à fala original. Não há



mudanças de significados quando ocorre a tradução, respeitando a escolha de utilizar pronomes não binários, mesmo que estes ainda não sejam aceitos pela norma padrão da língua portuguesa.

No quarto episódio, a LNB aparece somente em inglês, conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2 - Episódio 4 da 3ª temporada de *Sex Education*

Formato	Tempo de início da cena	Contexto da cena	Personagem enunciativa	Fala da personagem	Fala que se refere à personagem NB
Idioma original (Inglês)	15:10	Para a aula de educação sexual, os alunos são divididos em duas salas, uma para meninos e outra para meninas. Vivienne está organizando as filas. Cal pergunta para Jackson para onde deve ir. Jackson questiona Vivienne, e ela não tem uma resposta.	Jackson	-	So Cal wants to know what line they should join.
Legendas (Português)				-	Cal quer saber em qual fila entrar.
Dublagem (Português)				-	Olha só, Cal quer saber em que fila vai ficar.

Fonte: As autoras, com base na transcrição da série *Sex Education* (2021), da Netflix.

Agora mais próximo de Cal, Jackson utiliza, no áudio original, o pronome de escolha de Cal, *they*, para se referir a ile. No entanto, nas duas versões em português, a LNB não aparece. Por serem sistemas linguísticos diferentes, muitas vezes as traduções precisam alterar estruturas para manter o significado original, bem como há outros fatores que influenciam nessas construções, como o tempo de tela para as legendas e a sincronização com o movimento da boca dos atores para a dublagem.

Porém, esta é uma série que decidiu trazer aspectos da comunidade NB também por meio da língua, por isso seria importante usar a LNB sempre que possível. Hord (2016) afirma que um grande fator de reconhecimento de pessoas trans e NB se dá pelo uso dos pronomes com que se identificam. Há formas de construções possíveis para os formatos em português que manteriam a LNB presente nesse caso, como em “Cal quer saber em qual fila *ile* deve entrar” ou “Olha só,



Cal quer saber em que fila *ile* vai ficar”. Portanto, mesmo com a possibilidade de incluir a linguagem alternativa, a não utilização da LNB nessa fala provavelmente ocorre devido à distinção entre esses dois sistemas gramaticais, uma vez que no português não é necessário manter o pronome, mas no inglês o pronome deve ser marcado em todas as construções. Sendo a língua fundamental e “constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano” (BAGNO, 2003, p. 16-17) e havendo a possibilidade de incluir a LNB nessa fala, essa seria mais uma oportunidade para reforçar o apoio à comunidade NB.

No quinto episódio, a LNB aparece somente na dublagem em Português (QUADRO 3):

Quadro 3 - Episódio 5 da 3ª temporada de *Sex Education*

Formato	Tempo de início da cena	Contexto da cena	Personagem enunciadora	Fala da personagem	Fala que se refere à personagem NB
Idioma original (Inglês)	37:30	Os alunos estão em uma viagem de ônibus na França, Jackson e Cal se aproximam.	Jackson	-	You are beautiful.
Legendas (Português)				-	Você é uma lindeza.
Dublagem (Português)				-	Você é muito bonite.

Fonte: As autoras, com base na transcrição da série *Sex Education* (2021), da Netflix.

Em um momento em que estão mais próximos, Jackson diz que Cal é *beautiful*, mas não há indícios de que ele utiliza essa palavra refletindo sobre o rótulo social dela, pois, apesar de o adjetivo usado não possuir gênero gramatical, ele possui um gênero implícito (ZIMMAN, 2017). *Beautiful* é uma palavra socialmente vista como feminina e, embora possa ser usada para se referir a mais de um gênero ou coisas, essa conotação binária permanece. Para a tradução há um conflito, uma vez que na língua inglesa os adjetivos não possuem gênero gramatical (PREWITT-FREILINO; CASWELL; LAAKSO, 2011), apesar da conotação feminina implícita, mas no Português os adjetivos possuem marcas de gênero.

Na legenda optou-se por utilizar lindeza que, apesar de ser um substantivo feminino, pode ser usado para se referir à pessoa ou à coisa



que possui a característica de ser lindo. A frase *você é uma lindeza* poderia ser direcionada a qualquer gênero, incluindo o gênero não binário. Mesmo não sendo um termo comumente utilizado, lindeza se aproxima de *beautiful* por possuir uma conotação de uso no feminino. Do ponto de vista da tradução, o debate se encerra com *você é uma lindeza*. Do ponto de vista da pauta identitária, entretanto, essa opção enterra o debate. Reitera-se a importância de manter a discussão do tema “tendo em vista questões de representatividade e de poder que envolvem o uso de um fenômeno variável socialmente motivado” (CAVALCANTE, 2022, p. 93), como é a LNB.

Na dublagem, porém, optou-se por utilizar a LNB, usando *bonite*. Inicialmente, as diferentes estruturas das duas línguas podem dificultar a tradução, no inglês *beautiful* não apresenta um problema de fato, mas no português é preciso fazer escolhas de como essa construção será feita. Para Cavalcante (2022), “se um grupo de indivíduos motivado por razões sociais marca linguisticamente sua identidade, essa marcação é tão válida quanto quaisquer outras manifestações de identidade linguística” (CAVALCANTE, 2022, p. 93), por isso, o uso de *bonite* pela dublagem é válido e bem colocado, uma vez que a série tem como um dos temas personagens NB.

No sétimo episódio, conforme observado no Quadro 4, o relacionamento de Jackson e Cal fica mais íntimo.

Quadro 4 - Episódio 7 da 3ª temporada de *Sex Education*

Formato	Tempo de início da cena	Contexto da cena	Personagem enunciativa	Fala da personagem	Fala que se refere à personagem NB
Idioma original (Inglês)	34:55	Jackson e Cal estão se beijando e estão nervosos com a possibilidade de avançar mais uma etapa no relacionamento.	Jackson	-	You really are so beautiful. Oh shit, that's a gendered word. Pretend I didn't say that. I'd also still be into you if you weren't beautiful-- Not that I don't find you beautiful. I do think men can be beautiful. Like a beautiful soul. Know what I mean?
Legendas (Português)				-	Você é linda mesmo. Merda, falei no



					feminino, né? Finja que eu não disse isso. Eu gostaria de você mesmo que não fosse... Não que você não seja. E tipo, um homem pode ter uma alma linda, sabe?
Dublagem (Português)				-	Você é muito bonita. Ai merda, uma palavra de gênero. Finge que eu não disse isso, tá? Eu ainda taria interessado se você não fosse bonita. Mas é claro que eu te acho bonita, e homens também podem ser bonitos, né? Tipo, tem uma alma...

Fonte: As autoras, com base na transcrição da série *Sex Education* (2021), da Netflix.

Diferente do Quadro 3, quando Jackson usa *beautiful* sem pensar que se trata de uma palavra socialmente vista como feminina, na cena do episódio 7, ele percebe a conotação do adjetivo. Em seguida, ao tentar se desculpar pelo uso dessa palavra, Jackson diz que homens também poderiam ser definidos como *beautiful*, o que demonstra que ele está refletindo sobre o assunto, sobre a língua e suas construções, assim, evidenciando a aprendizagem e a evolução da personagem quanto à temática e ainda apresenta essa discussão para o espectador.

Entretanto, essa questão se esvai completamente tanto na tradução da legenda, quanto na dublagem, que optam pelo tangenciamento do debate. A escolha de palavras muda na tradução para o português, e ambos os formatos escolhem um adjetivo feminino: linda e bonita. Essa escolha acaba tornando o *misgendering* mais visível, mostrando para os espectadores mais uma das adversidades que pessoas não binárias encontram, dessa vez pela língua.

Porém, essa escolha também deixa de lado, portanto, a própria percepção de crescimento de Jackson. A tentativa nervosa de se explicar do rapaz acaba não fazendo sentido nos enunciados em português, principalmente na dublagem, que troca o gênero da palavra em



discussão para concordar com homens. Apesar disso, entende-se a angústia de Jackson em tentar se justificar, uma vez que faltam palavras dentro de um sistema linguístico binário para explicar e expressar o não binário (REIS; PINHO, 2016).

No oitavo e último episódio, a LNB aparece somente na legenda, conforme retratado no Quadro 5:

Quadro 5 - Episódio 8 da 3ª temporada de *Sex Education*

Formato	Tempo de início da cena	Contexto da cena	Personagem enunciativa	Fala da personagem	Fala que se refere à personagem NB
Idioma original (Inglês)	31:24	Layla procura Cal para se desculpar por não ter se manifestado durante as imposições da escola contra as expressões de identidade.	Cal	That's okay. You'll speak up when you're ready.	-
Legendas (Português)				Tudo bem. Ainda não estava pronta.	-
Dublagem (Português)				Tá tranquilo. Vai falar quando chegar sua hora.	-

Fonte: As autoras, com base na transcrição da série *Sex Education* (2021), da Netflix.

Nessa fala não há marcação de gênero no inglês, portanto esse trecho apresenta um desafio para a tradução. O desafio se dá por diferenças nas estruturas gramaticais das duas línguas, uma vez que o adjetivo *ready* não possui gênero gramatical, mas os adjetivos no português possuem. Ao contrário do episódio 5, em que a dublagem optou por utilizar a LNB e as legendas não, agora a LNB aparece somente na legenda.

A tradução nas legendas opta por aproveitar mais uma oportunidade de mostrar a LNB em uso, mantendo o significado e a estrutura da fala original. A dublagem, por sua vez, opta por não utilizar a LNB, mas também se mantém fiel à fala original. E mesmo que a LNB coubesse na tradução, a dublagem precisa levar em conta o fato de que a fala das personagens deve combinar com o movimento da boca dos atores. De qualquer modo, seria mais uma oportunidade de utilizar a LNB, evidenciando a forma de expressão da identidade das pessoas não binárias pela língua.



Entretanto, essas mudanças nas legendas e na dublagem, que optam por não utilizar a LNB mesmo em um contexto em que ela poderia ter aparecido, se diferem de casos graves de censura, como ocorreram no Brasil em filmes de Jean-Luc Godard, na década de 1960, por exemplo. Dois dos filmes do cineasta receberam cortes nas legendas, por serem julgadas inadequadas. Um dos cortes aconteceu quando uma personagem brada dizeres de Lenin, e o outro em uma fala de uma personagem que faz alusão a questões sexuais (ANCONA, 2017).

Para além das ocorrências

Mesmo sendo a principal agente da opressão que acontece na escola, a diretora Hope nunca se encontra em uma posição de ter que se referir às personagens NB por seus pronomes de escolha. Em todas as interações entre eles, a conversa sempre é direta, sendo *you/você* o único pronome utilizado por Hope. Os roteiristas e diretores da série evitaram, consciente ou inconscientemente, colocar Hope nessa situação, o que condiz com o comportamento da diretora de nunca enfrentar a questão central da identidade de gênero dos alunos.

Apesar de ser uma produção que se propõe também a tratar da pauta do gênero não binário e mesmo que as personagens que representam essa comunidade na série sejam secundárias, há poucas ocorrências da LNB durante a temporada. Isso evidencia que este ainda é um tema difícil de discutir, mesmo por quem está aberto a expor, refletir e problematizar essas questões, e que “as relações entre língua e sociedade são muito mais complexas do que a maioria das pessoas pensa” (BAGNO, 2003, p. 70).

As produções audiovisuais geralmente realçam as características ditas como masculinas e femininas, o que é ser homem e o que é ser mulher, assim construindo um campo simbólico que extravasa para a materialidade (REIS; PINHO, 2016, p. 10). Por isso a importância da representatividade de diferentes identidades queer, que ultrapassam essas barreiras e mostram que outras formas de extrapolar o binário são possíveis. Sendo assim, é significativo que a série tenha abordado a questão NB na língua e também em outros aspectos, como no uso do *binder* e a vontade, ou a falta dela, das personagens de se posicionarem frente às imposições realizadas. Essa representatividade é essencial também no campo linguístico, uma vez que os usos linguísticos da televisão, e atualmente do *streaming*, têm grande influência nos



espectadores (BAGNO, 2003, p. 48). A série manteve o seu estilo de sempre tratar de temas polêmicos de uma forma sutil e não forçada e principalmente de forma respeitosa e cativante.

Não se sabe o que os roteiristas guardam para o futuro dessas personagens. O fato de Hope sempre se esquivar do confronto com a identidade de Cal pode ser uma eventual justificativa de um possível arco de redenção no futuro da série. Bem como, há chances de Cal, e até Layla, ganharem mais espaço na 4ª temporada, já confirmada pela Netflix, mas sem data prevista de estreia.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo analisar as diferenças e semelhanças entre o uso e a adaptação da linguagem não binária na terceira temporada da série *Sex Education*, no idioma original, nas legendas e na dublagem.

A partir das análises, foram encontradas ocorrências da LNB em quatro dos oito episódios, e nem sempre os três formatos apresentaram a LNB ao mesmo tempo. Também se observou que apenas um dos casos em que a LNB aparece somente nas legendas, e não aparece no áudio original, se deu mais por diferenças na estrutura gramatical das duas línguas, e menos pela pauta NB. Nessa mesma fala, a dublagem optou por utilizar uma construção diferente que não necessitou usar a LNB.

Os resultados mostram que, mesmo em um ambiente que se propõe a tratar de temas considerados polêmicos, a não-binariedade ainda é um tema desafiante. A língua portuguesa possui um sistema gramatical binário e por isso limita e dificulta a expressão de indivíduos não binários, o que exige criação e a busca por formas alternativas e para a inclusão desses e de tantos outros grupos marginalizados, ou que não se sentem acolhidos por sua língua.

O presente estudo não se propõe a trazer respostas contumazes sobre o uso da língua. Intencionou-se aqui lançar mais elementos nessa discussão, porque ficou evidente que, mesmo em um contexto propício ao debate, esse tema ainda acaba sendo tangenciado pela dificuldade de o sistema da língua portuguesa dar conta dessas questões ou, o que nos parece pior, por opção em desconsiderar a oportunidade de reflexão. Este estudo reforça, portanto, a relevância de pesquisas sobre o sistema linguístico e sua relação com a LNB. E também reitera a importância da



visibilidade ao tema por meio das produções culturais que têm grande alcance.

Discutir esse tema é um dos passos para melhor compreendê-lo em uma tentativa de inclusão de todas as identidades por uma de suas formas mais significativas de expressão: a língua.

Referências:

ALMEIDA, Gioni C. *Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa*. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2020.

ANCONA, Luiz O. G. A censura cinematográfica no Brasil: o caso dos filmes de Jean-Luc Godard. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 24 a 28 jul. 2017, Brasília, DF. *Anais [...]*. Brasília, DF: ANPUH, 2017.

ANTUNES, Benedito. Notas sobre a tradução literária. *Alfa*, São Paulo, v. 35, 1-10, 1991.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BERGER, Miriam. A guide to how gender-neutral language is developing around the world. *The Washington Post*, Washington-EUA, 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2019/12/15/guide-how-gender-neutral-language-is-developing-around-world/>. Acesso em: 04 jun. 2022.

BJORKMAN, Bronwyn M. Singular they and the syntactic representation of gender in English. *Glossa: a journal of general linguistics*, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 1-13, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.374>.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo-RS, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.



BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 35. ed. Petrópolis, SP: Vozes, 2002.

CARVALHO, Danniel. Quem é êla? A invenção de um pronome não binário. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (Orgs.) *Linguagem “neutra”*: Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 119-139.

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de Gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (Orgs.) *Linguagem “neutra”*: Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 73-93.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Conflito de regras e dominância de gênero. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.) *Linguagem “neutra”*: Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 53-71.

GAUCHA ZH. *Vereadores aprovam lei que proíbe uso de linguagem neutra em escolas de Porto Alegre*. 04 mai. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2022/05/vereadores-aprovam-lei-que-proibe-uso-de-linguagem-neutra-em-escolas-de-porto-alegre-cl2s5nqpeOodlo19iocgbc194.html>. Acesso em: 06 jun. 2022.

HORD, Levi C. R. Bucking the Linguistic Binary: Gender Neutral Language in English, Swedish, French, and German. *Western Papers in Linguistics*, [S.l.], v. 3, 2016. Disponível em: https://ir.lib.uwo.ca/wpl_clw/vol3/iss1/4. Acesso em: 02 jun. 2022.

LEWASCHIW, Cari Lobo; GAIGAIA, V. Guia para a Linguagem Oral não-binária ou neutra (PT-BR). *Wiki Identidades*, [S.l.], 2015. Disponível em: https://identidades.fandom.com/pt-br/wiki/Linguagem_n%C3%A3o-bin%C3%A1ria_ou_neutra. Acesso em: 10 jun. 2022.

MCCONNELL-GINET, Sally. Gender and its relation to sex: The myth of ‘natural’ gender. In: CORBETT, Greville G. (Ed.). *The Expression of Gender*. Berlim: Walter de Gruyter, 2014. p. 3-38.



MOKWA, Marcela. O papel e a função da linguagem não binária ou neutral no contexto das redes online. *Movimento Revista*, [S.l.], 2019. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

PREWITT-FREILINO, Jennifer L.; CASWELL, T. Andrew; LAAKSO, Emmi K. The Gendering of Language: A Comparison of Gender Equality in Countries with Gendered, Natural Gender, and Genderless Languages. *Sex Roles*, Switzerland, v. 66, p. 268-281, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0083-5>.

REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2016.

SCHWINDT, Luiz C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da ABRALIN*, Campinas-SP, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1709>.

SEX EDUCATION. Criação: Laurie Nunn. Reino Unido, 2019. Netflix, 4 temporadas. 3ª temporada: set. 2021. Classificação: 16 anos. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80197526>. Acesso em: 05 nov. 2022.

UNIVERSITY OF WISCONSIN – MADISON. *Using Gender-Neutral Pronouns in Academic Writing*. Writing Center, 2017. Disponível em: <https://writing.wisc.edu/handbook/grammarpunct/genderneutralpronouns/>. Acesso em: 02 jun. 2022

ZIMMAN, Lal. Transgender language reform: some challenges and strategies for promoting trans-affirming, gender-inclusive language. *Journal of Language and Discrimination*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 84–105, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1558/jld.33139>.



ELU, ILE, ILU AND EL: An analysis of non-binary language in the TV series *Sex Education*

ABSTRACT: The representation of the LGBTQIAPN+ community is the agenda of different contexts of debate in contemporaneity. Including expressing different identities through language, and questioning the binary constructions present in the system. Movements to insert non-binary marks into language have taken hold, especially in social media. Taking into consideration the reach and influence of audiovisual works, this paper presents a study to investigate how non-binary language is used in the third season of *Sex Education*, by Netflix, in three formats, in the original language (English) in contrast to the subtitled and dubbed version in Portuguese. To conduct the research a theoretical study was held, and subsequently, an comparative analysis of the occurrences. It was observed that, even in a platform that proposes to deal with controversial issues, non-binary language is still a challenging theme. Therefore, it reinforces the importance of research on the linguistic system and its relationship with non-binary language. Discussing this topic is one of the steps to better understand it in an attempt to include all identities, as well as having the right to choose how to express one's identity through language is a right that must be defended.

KEYWORDS: Non-binary language. Inclusive language. Gender neutrality.

Letícia Leidens KUNZLER

Possui graduação em Letras pela Univates (2023) e está cursando Especialização em Educação Bilíngue para Crianças. É docente da rede privada de ensino, onde atua com o ensino de língua inglesa. E-mail: leticia.kunzler@universo.univates.br

Kári Lúcia FORNECK

Possui graduação em Letras pela Univates (2002), mestrado em Letras pela PUCRS (2006) e doutorado em Letras pela PUCRS (2016). É professora titular na Universidade do Vale do Taquari - Univates, onde atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e nos Cursos de Letras e de Pedagogia. Tem experiência nos seguintes temas: ensino da leitura e da escrita, processamento da compreensão leitora e processos inferenciais pragmáticos. E-mail: kari@univates.br



Recebido em: 03/08/2023

Aprovado em: 01/11/2024